

Mutatis mutandis: os dramas da forma. Nos dois mil anos da morte de Ovídio, criador das *Metamorfoses*

Margarida Miranda¹

RESUMO

Ao contrário da sorte de muitas outras obras dos autores greco-romanos, as *Metamorfoses* de Ovídio estiveram sempre presentes na tradição literária europeia. O poema inspirou e continua a inspirar intelectuais e artistas de todos os tempos, incluindo poetas, pintores, escultores, músicos e coreógrafos. Nos últimos anos assistimos ao crescimento do interesse por Ovídio, não apenas enquanto poeta espirituoso dos salões e do amor requintado, mas também enquanto poeta da erudição mitológica aliada à complexidade da natureza humana, sujeita à dor e à morte. Mas a verdade é que a inspiração em Ovídio não atraiu apenas os homens de letras. O tesouro artístico da Europa tem nas *Metamorfoses* uma das maiores fontes de inspiração. Nenhuma outra obra exerceu tão grande influência sobre a cultura europeia, a literatura e as artes. A influência das *Metamorfoses* nas artes e na cultura ocidental foi incomensurável, fazendo dela a maior fonte primária dos artistas europeus. Por isso o Festival das Artes teve por bem revisitá-la, criando a ocasião para a Exposição que se descreve nestas páginas.

¹ Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - mmiranda@fl.uc.pt

PALAVRAS-CHAVE

Ovídio, *Metamorfoses*, Poesia, Artes

ABSTRACT

Unlike many other works of Greco-Roman authors, the poem *Metamorphoses* of Ovid has always been present in the European literary tradition. Intellectuals and artists of all times, including poets, painters, sculptors, musicians and choreographers, have been inspired, and continue to draw inspiration from the poem by Ovid. In recent years we have witnessed the growth of interest in Ovid, not only as the witty poet of exquisite love who used to be very much in demand in ancient cultural halls, but also as the poet who was able to use his sophisticated knowledge of myth to express the complexity of human nature as subject to pain and death. But inspiration from Ovid's poem drew many other artists beyond men of letters. *Metamorphoses* became one the greatest sources of inspiration in Europe's artistic heritage. No other work has exerted such great influence on European culture, literature and the arts. Given such massive influence of *Metamorphoses* in Western arts and culture, the Arts Festival has decided to revisit it and offer the occasion for the Exhibition held in Coimbra and described in these pages.

KEY-WORDS

Ovid, *Metamorphoses*, Poetry, Arts

"Metamorfoses" foi o tema do 9º Festival das Artes de 2017. Numa parceria entre a Universidade de Coimbra e a Fundação Inês de Castro, a Biblioteca Geral exibiu a Exposição documental sobre as *Metamorfoses* de Ovídio nas coleções da Universidade: "*Mutatis Mutandis: Os Dramas da Forma - Nos 2000 anos da morte de Ovídio, criador das Metamorfoses*". A Exposição esteve patente ao público na Sala de São Pedro entre 16 e 23 de Julho, tendo continuado depois na sala do Catálogo².

2 A minha palavra de gratidão para o Sr. Diretor da Biblioteca Geral, José Augusto Bernardes, pela oportunidade de penetrar a fundo no acervo bibliográfico de

Não foi por acaso que, de acordo com o desejo do Festival das Artes e da Fundação Inês de Castro, os dois milénios da efeméride não deram ocasião a uma Exposição sobre Ovídio e a sua obra poética, mas antes sobre um poema de Ovídio em particular: *Metamorfoses*. Porquê as *Metamorfoses*?

Nos nossos dias, seriam talvez mais conhecidos e apreciados dois outros livros de Ovídio, como os *Amores*, ou a *Arte de amar*, mas não foi sempre assim. Entre as diversas composições poéticas de Ovídio, foi o poema *Metamorfoses* que o tornou conhecido como *Ovidius maior*, por conter uma espécie de cosmogonia e cosmologia em verso épico, ao contrário dos poemas de amor considerados frívolos. Mas não foi essa a razão da singularidade desta Exposição. Nem julguemos que o poema *Metamorfoses* está isento de histórias de amor. O hexâmetro das *Metamorfoses* narra muitas histórias de amor, com descrições de viva sensualidade cujos versos os professores dos colégios sentiram necessidade de censurar aos seus jovens alunos.

Embora escrita em verso épico, como a imortal *Eneida* de Vergílio, *Metamorfoses* é uma obra única, bem distinta da *Eneida*. Nenhuma outra exerceu tão grande influência sobre a cultura europeia, a literatura e as artes. A singularidade desta Exposição resulta pois do interesse que um autor desaparecido há 2000 anos desperta ainda, quer na área da literatura (poesia, teatro), quer na área da música, da arquitetura, da escultura, da pintura... A influência das *Metamorfoses* nas artes e na cultura ocidental foi incomensurável, fazendo dela a maior fonte primária dos artistas europeus. Por isso o Festival das Artes teve por bem revisitá-la.

Ovídio e de trabalhar com as edições mais raras, a fim de lhes dar um pouco da visibilidade que merecem. A montagem e apoio biblioteconómico, devo-os a uma generosa equipa que trabalhou incondicionalmente comigo: o Dr. José Mateus, a Dr.^a Maria Luísa Machado, a Dr.^a Maria José Silva Pereira e a Dr.^a Fátima Bogalho. À Dr.^a Fátima Bogalho agradeço de modo particular a paciência com que me acompanhou no levantamento exaustivo dos materiais, nas vindas assíduas à Biblioteca e no envio e reenvio dos e-mails para a execução mais próxima dos trabalhos.

Ovídio nasceu em 43 a.C., pouco depois da morte de César. É o poeta latino do tempo de Augusto que, alheio ao ideário do Príncipe e contra a vontade do pai, renunciou à prestigiada carreira pública de advocacia em favor da vida áulica nos salões da aristocracia. Gozou de grande prestígio social no meio aristocrático romano, até ser compulsivamente afastado de Roma por ordem de Augusto, por razões nunca conhecidas. Os últimos nove ou dez anos da sua existência passou-os desgostoso numa cidade que a tradição diz ser Tomis, na atual Roménia, onde terá falecido, segundo a maioria dos autores, no ano 17.

No poema *Metamorfoses*, Ovídio narra 250 histórias da mitologia greco-latina, situando-as num tempo e num mundo real, a saber, desde a origem do cosmos até ao seu tempo, à morte de César. E durante séculos esta foi a única fonte da mitologia clássica para pequenas histórias que configuraram a memória simbólica europeia, como o rapto de Europa, o amor de Apolo e Dafne, Teseu e o Minotauro no labirinto, Dédalo e Ícaro, o rapto de Perséfone, Orfeu e Eurídice, Eco e Narciso...

As personagens destas histórias sofrem as mais incríveis *transformações*. Movidos pelo poder da paixão, os seus corpos transformam-se em fontes, em pedras, em árvores, flores, ilhas, animais... ou seja, sofrem *os dramas da forma*. É como se o destino dessas personagens exprimisse o poder transformador que a paixão exerce sobre deuses e sobre homens.

Ao contrário da sorte de muitas outras obras dos autores greco-romanos, as *Metamorfoses* estiveram sempre presentes na tradição literária europeia. O livro de Ovídio inspirou e continua a inspirar intelectuais e artistas de todos os tempos, incluindo poetas, pintores, escultores, músicos e coreógrafos.

Nos últimos anos temos assistido ao crescimento do interesse por Ovídio, não apenas enquanto poeta espirituoso dos salões e do amor requintado, mas também enquanto poeta da erudição mitológica e

ainda da complexidade da natureza humana, sujeita à dor e à morte. Mas a verdade é que a inspiração em Ovídio não atraiu apenas os homens de letras. O tesouro artístico da Europa tem nas *Metamorfoses* uma das maiores fontes de inspiração. O poema de Ovídio foi também um modelo primordial para as artes, a música, a pintura, a escultura e até a arquitetura e paisagismo de jardins.

O primeiro passo para a criação da ópera, por exemplo, foi dado em 1594 com a representação de *Dafne* de Jacopo Peri (1561-1633), sobre libreto de Rinuccini (1562-1621). Embora a sua partitura não se tenha conservado, *Dafne* é considerada a primeira ópera. Seis anos depois seguiu-se *Euridice*, dos mesmos autores, em duas versões, uma com música de J. Peri, outra de Giulio Caccini (1548-1618). Subiu à cena para celebrar as núpcias de Henrique IV de França com Maria de Médicis, em 6 de Outubro de 1600. Se seguíssemos as pegadas das *Metamorfoses* na música, poderíamos continuar com Haendel (1685-1759), Monteverdi (1567-1643), Richard Strauss (1864-1949), Benjamin Britten (1913-1976).

O amor de Apolo por Dafne (que ilustrou o cartaz da Exposição) foi também o que inspirou uma das mais célebres esculturas de Bernini (1598-1680). Mas além de Bernini podíamos evocar Miguel Ângelo (1475-1564) e Rafael (1483-1520) ... No domínio da pintura, Ticiano (c. 1490-1576), Caravaggio (1571-1610), Rubens (1577-1640), Velázquez (1599-1660), Rembrandt (1606-1669), Delacroix (1798-1863) são apenas alguns exemplos que conferem às *Metamorfoses* de Ovídio o esplendor máximo da fecundidade da literatura antiga na expressão artística moderna.

As *Metamorfoses* atraíram a atenção de renascentistas, românticos e modernistas e chegaram a Salvador Dali (1904-1989) e a Picasso (1881 -1973) - que nos anos 30 ilustrou uma edição das *Metamorfoses* -, mas também a T.S. Eliot (1888-1965), Reiner Maria Rilke (1875-1926), Hermann Hesse (1877-1962), Virgínia Woolf (1882-1941) e Franz Kafka (1883-1924).

A leitura das *Metamorfoses* ao longo dos tempos e a leitura que hoje fazemos deste poema não é certamente a mesma. As diferenças poderiam ilustrar a sentença de um dos versos mais célebres do poema: *omnia mutantur, nihil interit...* (*Metam.* 15, 165): “Tudo muda, nada morre...”. O que não muda é a natureza humana sobre a qual Ovídio escreveu, nem a sua condição, ainda hoje sujeita à dor, à paixão e à morte. E é por isso que ainda hoje lemos Ovídio.

O conjunto

A Exposição recolheu uma pequena amostra da transmissão do texto de Ovídio em Portugal a partir do séc. XV – não só do texto latino, como também das diversas traduções que se multiplicaram a partir do séc. XVI e XVI e difundiram o poema ao longo dos séculos.

Surpreendente é o número de edições ilustradas de que a obra foi objeto, pelas mesmas razões pelas quais, a partir do Renascimento, os quadros mitológicos das *Metamorfoses* atraíram o interesse de tantos artistas plásticos para os *dramas da forma*. Quase poderíamos fazer dois percursos: um para as *Metamorfoses* em palavras, outro para a *Metamorfoses* em imagens. Um e outro sugerem a extensão do legado de Ovídio ao Ocidente.

No século XVI, algumas edições destinadas a artistas só continham as imagens, prescindindo do texto de poético. Nesse caso, as imagens acabavam por exercer maior impacto na transmissão do conteúdo literário, uma vez que este era transmitido não já pelos versos do poeta mas pela recriação figurativa do pintor. Assim, estampas e ilustrações feitas pelos melhores artistas acabam por dar origem a obras-primas do Renascimento italiano. Essa realidade justificou que, na Exposição, fossem reproduzidos alguns dos quadros mais frequentes do imaginário de poetas e artistas europeus, como Europa, a jovem fenícia raptada por Zeus metamorfoseado em toiro (*Metam.* II, 844-875); ou Galateia, a estátua de marfim de quem Pigmalião se

enamorado e a quem Vénus deu vida (*Metam.* X, 243-297); ou ainda Eco e Narciso, o jovem que se enamorou da própria imagem refletida sobre as águas. Sofrendo o desgosto de procurar permanentemente o ser amado sem jamais o possuir, Narciso foi transformado na flor que recebeu o seu nome, enquanto Eco, repudiada por Narciso, se ocultou nos bosques, dela restando apenas a voz (*Metam.* III, 339-510).

Séculos XV e XVI e os comentários de Rafael Régio

Durante os séculos XII a XIV foi tão grande a difusão de Ovídio, o “profeta”, que aquele período ficou conhecido como *aetas ovidiana*, na expressão cunhada pelo filólogo de Munique, Ludwig Traube (1911)³.

São vários os testemunhos indiretos de que o texto das *Metamorfoses* era conhecido no espaço ibérico⁴. Porém, a edição mais antiga da BGUC é o incunábulo de 1497, com comentários de Rafael Régio (1440-1520), o humanista veneziano famoso pela sua erudição e pelas contínuas querelas com humanistas rivais: *P. Ouidii Metamorphosis cum integris ac emendatissimi Raphaelis Regii enarrationibus & repraehensione illaru[m] ineptiarum quibus ultimus Quaternio primae editionis fuit inquinatus*. Venetiis : Simon Ticinesis Bibilaqua, 1497 (UCBG R-46-6).

Nos alvares do Humanismo, o texto de Rafael Régio foi largamente preponderante, mas o poema foi sendo objeto de inúmeros comentários que fizeram dele a obra de mitologia de maior influência na cultura ocidental. Num tempo em que os comentários eram por vezes mais valorizados do que as palavras do poeta, os comentários de Rafael Régio, sucessivamente editados, foram

3 Ludwig Traube (*Vorlesungen und Abhandlungen*, ed. Paul Lehmann, 3 vols. Munich, 1909-1920, vol. 2, 1911) periodiza a Idade Média, distinguindo *aetas horatiana*, *aetas virgiliana* e *aetas ovidiana*.

4 Afonso X, o Sábio, incluiu na sua *General Estoria* uma longa paráfrase das *Metamorfoses*. A livraria do Mosteiro de S. Vicente de Fora possuía a obra de Ovídio; e na livraria do Condestável Dom Pedro já figuravam umas *Metamorfoses* “en vulgar castellá”.

determinantes para a leitura do texto nos séculos seguintes, interpretando os mitos como exemplos de vícios e de virtudes. Régio tornou-se o comentador mais importante na transmissão do texto à modernidade. Muitas das suas emendas textuais foram aceites e discutidas pela crítica textual ao longo dos últimos séculos, sem impedir que a cada edição do seu texto fossem acrescentados comentários de outros humanistas.

É muito singular a edição de Lyon, 1527 (UCBG J.F.-66-5-14) que reúne comentários de duas tradições hermenêuticas opostas: os comentários de R. Régio e os comentários de Pedro Lavínio, filósofo e pregador dominicano (1510-1534), que Régio desprezava. Ao contrário do primeiro, Lavínio sustentava a sua compreensão histórica e alegórica de Ovídio especulando sobre o conhecimento que, através de Platão e Pitágoras, o poeta teria tido das profecias das Sibilas, dos livros de Moisés e da Bíblia dos *Setenta*. A verdade é que o possuidor deste livro, na linha de Régio, rasurou todos os comentários de Pedro Lavínio, mostrando assim a sua opção hermenêutica.

A edição de Veneza de 1565 (UCBGJ 1-3-7-454) não é menos singular: ela reúne os comentários de Rafael Régio e de Jacob Micyllus (1503-1558). O texto de Ovídio, porém, é disposto ao centro da página, sendo cada narrativa apresentada por um breve argumento atribuído a Lactâncio, autor que os humanistas do Renascimento liam com muito interesse. Na verdade, trata-se da obra anónima *Narrationes fabularum quae in Ov. Metam. Occurrunt*.

Séculos XVII, XVIII e XIX

Entre o século XVI e o século XIX a presença de Ovídio é muito evidente nas letras portuguesas, não havendo provavelmente poeta algum que o tenha ignorado. Uma das qualidades por todos reconhecida a Ovídio é ser um excelente ‘contador de histórias’. Há nas suas narrativas uma clara intenção de entreter e deslumbrar o leitor,

com uma imaginação prodigiosa que faz suceder os episódios sem quebrar o interesse.

Essa razão, acompanhada da crescente escolarização da Europa fez com que, a partir do século XVII, se multiplicassem as edições latinas de Ovídio. Além do texto latino incluído nos numerosos *Opera Omnia*, ou lado a lado com ele, surgem por toda a Europa versões para castelhano, francês, inglês, italiano, ora em prosa ora em verso; mas nem por isso o texto deixou de circular em latim, sempre acompanhado de comentários de natureza moralizante e alegórica, bem como de glossários e notas. Merece destaque a edição de Nicolaus Hensius (1620-1681), poeta latino, filólogo, tradutor dos clássicos e possuidor de uma das maiores bibliotecas particulares da Europa, que percorreu ao longo de décadas quase todos os países da Europa para consultar o maior número possível de manuscritos e, em 1652, publicou a obra completa de Ovídio (UCFL CF B-3-16). Mas também a de Daniel Crispino (1689), sobre o texto de Hensius, produzida por ordem de Luís XIV para educação do príncipe (1-3-5-335/338 [Vol. 2: 1-3-5-336]); ou a do filólogo e jurista flamengo Petrus Burmannus (1727) bem conhecido pelo número de textos clássicos que editou (1-3-5-330/333 [Vol. 2: 1-3-5-331]).

Uma referência particular é devida às antologias ou *fabulae selectae*, nomeadamente a do jesuíta Jacobus Pontanus (ou Jakob Spanmüller, 1542-1626), pela projeção que teve no universo escolar da Europa (UCBGJ 4-3-4-100). O texto das *Metamorfoses* estava incluído no *Index librorum prohibitorum*, mas isso não impediu o poema de circular, como se vê pelas reedições e traduções sucessivas do texto. A proibição era exercida de forma mais preventiva do que persecutória. Pontanus foi um dos mais conhecidos editores de Ovídio. Era professor de humanidades e retórica em Dillingen quando editou uma antologia das *Metamorfoses* adaptada ao ensino nos Colégios, i.e. "expurgada de todas as obscenidades" (*libri XV ab omni obscenitate purgati*). A primeira edição apareceu em Antuérpia, em 1618,

e foi largamente difundida na Europa, apresentando as narrativas das *Metamorfoses* como *exempla*.

Edições científicas e traduções para o leitor moderno

Na ausência de manuscrito autógrafo das *Metamorfoses* e perante o longo processo de transmissão manuscrita, seria ilusório ignorar as dificuldades de fixação do seu texto. O próprio poeta afirmou (*Tristia* 1,7) nunca ter dado a última versão do poema. No entanto, além dos testemunhos indiretos, possuímos um conjunto muito significativo de testemunhos com alguma antiguidade que nos permitem chegar a um texto aproximado daquele que Ovídio escreveu: fragmentos do século XI, passos mais extensos do século X e manuscritos completos do século XI. Toda essa transmissão, com cerca de dois mil anos, é recolhida e reequacionada na edição de Richard J. Tarrant, Oxford, 2004 (UCLCL Mest. 6.) a mais recente edição científica das *Metamorfoses*. É nela que se deve basear qualquer tradução moderna do texto.

São inúmeras as traduções modernas, e de excelente nível, em diversos idiomas. Entre as muitas traduções em línguas estrangeiras, merece referência a edição da Fundação Lorenzo Valla (Mondadori, 2007), baseada na fixação do texto latino de R. J. Tarrant e acompanhada de uma introdução e comentário da autoria de grandes especialistas da atualidade (UCFL F-7-54 EL).

Chegados à língua portuguesa, não deixa de surpreender que um dos textos mais importantes da cultura ocidental tenha conhecido tão poucas traduções em português. Antes da tradução de António Feliciano de Castilho, que traduziu um primeiro Tomo em 1841 (UCBG 7-28-15-18), há notícia de uma tradução de Cândido Lusitano, nunca publicada (1770-1771) e da tradução parcial de Bocage (*Poesias*, Lisboa, 1853), que pode por si só ser considerada um clássico da literatura portuguesa.

No entanto, isso não significa que o poema não tenha sido lido. Na verdade, o texto circulava na sua versão latina e até em versões castelhanas. O Padre António Vieira (1608-1697), quando professor de Retórica em Olinda, aos 18 anos, foi também autor de um comentário às *Metamorfoses* de Ovídio, que infelizmente se perdeu, informam os seus biógrafos.

Já o renovado interesse das últimas décadas pelo poeta das *Metamorfoses* teve como resultado duas traduções modernas no início do séc. XXI, a de Domingos Lucas Dias (UCBG 9-(1)-9-13) e a de Paulo Farhmouse Alberto (UCBG 7-75 B-2-1) sucessivamente reeditada.

A iconografia

As *Metamorfoses* de Ovídio conheceram um número surpreendente de ilustrações: só o séc. XVI contou com mais de uma centena, embora as primeiras xilogravuras sejam de 1484. Além de contador de histórias, Ovídio é também um excelente ‘pintor de cenários’. O seu poder de descrição mostra uma sensibilidade plástica de uma vivacidade deslumbrante. Muitos quadros mitológicos parecem reproduções dinâmicas e coloridas de obras de arte existentes no tempo de Ovídio. Mas o inverso também aconteceu: o movimento e a cor incarnados nas narrativas de Ovídio inspiraram as artes plásticas do Renascimento em diante, em números sem precedentes.

As *Metamorfoses* de Ovídio tornam-se modelo primordial da pintura e da escultura. Michelangelo, Rafael, Ticiano, Corregio, Veronese, Caravaggio, Rubens, Bernini, Velázquez, Poussin, Rembrandt, Delacroix são apenas alguns exemplos que demonstram o grau de esplendor e fecundidade da Literatura Antiga e das *Metamorfoses* de Ovídio em particular.

Bernard Picart (1673-1733), Noël Le Mire (1724-1800) e Pierre-François Basan (1723-1797) são alguns dos nomes mais célebres

ligados à produção de estampas para as *Metamorfoses* de Ovídio. A sua obra está representada na BGUC.

As gravuras de Bernard Pickart (UCBGJ 1-3-8-498), o célebre miniaturista, desenhador e gravador de origem francesa que se estabeleceu na Holanda, acompanharam a tradução francesa de L'Abbé Banier (1673-1741), um clérigo francês aluno dos jesuítas, cuja tradução teve muita aceitação, graças ao seu entendimento mais racional dos mitos, distinto das tradicionais interpretações alegóricas. O texto conheceu quase de imediato tradução para inglês e alemão (1732) e no século XIX ainda circulava. Na produção das suas gravuras trabalhou Bernard Picart (1673-1733), com a colaboração de doze artistas que trabalhavam sob a sua direção. As gravuras de Bernard Picart tiveram tal impacto que acabaram por ter um destino independente do texto, e inspiraram, por exemplo, os pintores de porcelana de Meissen (Alemanha), em estilo rococó.

Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français. Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan, Le Mire, [1767-1770] (UCBG RB-12-23) constitui outro exemplo de como as *Metamorfoses* em imagens ganharam vida própria muito além do texto. Esta edição, sem texto, dedicada ao Duque de Chartres, contém apenas estampas (139, sem contar com o frontispício), além de florões e vinhetas de ornamentação. Com Noël Le Mire (1724-1800) e Pierre-François Basan (1723-1797) trabalharam oito desenhadores e vinte gravadores/talhadores, dos melhores do seu tempo, todos eles identificados. É considerada uma das obras-primas de Le Mire, o célebre desenhador e talhador/gravador francês.

Pelo seu poder expressivo, as estampas de Picart e Le Mire constituem um suporte de transmissão não verbal das *Metamorfoses* que alimentou por outra via o imaginário dos poetas e artistas europeus.

Bibliografia passiva

Ovídio foi nas últimas décadas do século XX um dos maiores beneficiários do crescimento dos chamados ‘estudos de receção’ na Europa. A bibliografia acerca de Ovídio, produzida individualmente e sobretudo por equipas internacionais (*Présence d’Ovide*. Paris : Les Belles Lettres, 1982; *Brill’s Companion to Ovid*, 2012; *Ovídio: Exílio e Poesia*. Lisboa, 2007) traçam a história da hermenêutica de Ovídio, analisam o seu legado duradouro na literatura cristã, na Idade Média, no Renascimento, na Idade Moderna e nos autores do século XX, e comparam entre si as leituras dos principais comentadores, em França, em Espanha e na tradição literária europeia⁵.

A bibliografia acerca das *Metamorfoses* de Ovídio nos seus mais variados aspetos é imensa. Desde a transmissão do texto até à sua receção e reelaboração sincrónica e diacrónica, são inúmeros os estudos que todos os anos se publicam nas mais diversas línguas, e que contemplam as duas faces de Ovídio: Ovídio em texto e Ovídio em imagem⁶. A sua interdisciplinaridade exprime-se singularmente num curioso estudo de 2004 em que a metamorfose é apresentada como princípio dinâmico de elevado poder metafórico na evocação do ser humano. No livro de Marina Warner, *Fantastic Metamorphoses, Other worlds: Ways of telling the self*. Oxford : Oxford University Press, 2004, o poema de Ovídio é tratado como texto fundador de uma tradição metamórfica, que abrange tanto a mitologia clássica como

5 Alguns dos exemplares citados foram cortesia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

6 Rodrigues, Ana Duarte – Renaissance and baroque gardens recreate Ovid’s *Metamorphoses*. In Ferreira, Ana Rita e Nolasco, Ana (Ed.) – *Creative Process in Art : Proceedings of the International Colloquium*, Lisbon, 12-13 September 2013. Lisbon, CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2014. p. 139-164.

a arte fantástica de Jerónimo Bosch, os contos de fadas e a ficção do séc. XIX e XX (de que é exemplo *Alice no País das Maravilhas*).⁷

7 Uma sinopse dos estudos sobre Ovídio nos nossos dias ficaria incompleta sem a referência a um notável instrumento de trabalho, produzido pela Universidade de Virgínia, que, pela sua natureza não podia estar presente nesta exposição. A influência das *Metamorfoses* na arte europeia encontra uma ferramenta indispensável neste sítio *web*, que inclui um elevado número de edições e interpretações das *Metamorfoses* em vários idiomas, bem como imagens digitalizadas das principais edições ilustradas que serviram de modelos para as pinturas do seu tempo: *Ovid Illustrated: The Renaissance Reception of Ovid in Image and Text*, da autoria de Daniel Kinney e Elizabeth Styron. A consulta permite um movimento muito fácil entre o texto e as imagens: <http://ovid.lib.virginia.edu/search.html#search>